

Recensão de *Viver para contá-la* de Gabriel García Márquez

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro
aramos@dlc.ua.pt

«A vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como a recorda para poder contá-la.»

Gabriel García Márquez *in Viver para contá-la*

A mais recente publicação de Gabriel García Márquez (GGM), *Viver para contá-la*, corresponde a uma “autobiografia afectiva” de parte significativa da vida do autor. Partindo de um acontecimento particular, a ida com a mãe a Aracataca com o propósito de vender a casa da família, o narrador, ao visitar os lugares que marcaram a sua infância, relembra episódios antigos que julgava esquecidos e perdidos, reconstruindo a sua história pessoal, a da sua família e a do seu país, durante, praticamente, a primeira metade do século XX. Será esta viagem, no espaço e no tempo, a confirmar a sua vocação de escritor e a afirmá-la perante a oposição do pai, que desejava a conclusão dos seus estudos superiores em Direito.

O discurso, vagamente organizado de forma cronológica, apresenta-se segundo uma estrutura episódica, em que o narrador, assumindo o papel do contador de histórias, se centra em casos concretos que convocam ora o riso ou o choro, apresentando a humanidade das personagens que o rodeiam e que marcam de forma decisiva o imaginário de quase todos os seus textos.

Falando de si com uma humildade tocante, apresentando-se como o *Gabito*, desmistificando a figura do Prémio Nobel colombiano, insiste com frequência nos seus erros (até nos de ortografia) e nas suas limitações, quase apagando a importância do seu percurso, que atribui quer às influências que sofreu, quer ao acaso... As suas faltas e os seus “pecados”, ao invés de o denegrirem, porque assumidos e confessados com uma inocência quase infantil, humanizam-no e aproximam-no dos seus leitores, afinal seus iguais, cuja condição compartilha e que, sentindo-se também retratados, se solidarizam com ele.

Aos outros, familiares, amigos, colegas e professores, além de escritores, jornalista e poetas que conhece e admira, atribui especial relevo, numa obra que é também um tributo à sua família (principalmente ao avô, ao pai, à mãe e ao irmão Luis Enrique) e ao seu país de grandes contrastes.

O seu percurso biográfico, marcado por inúmeras dificuldades, apresenta-se também como eixo de leitura e interpretação dos seus textos, cuja origem, influências, temas e motivos são explicados. Especial relevo terão os anos da sua estadia em Bogotá, quando dá os primeiros passos na actividade literária, ao mesmo tempo que o país conhece um dos períodos mais conturbados da sua vida política.

Narrativa em que se misturam a epopeia e a autobiografia, com influências do discurso poético e do registo pícaro, este volume das memórias funciona, também, como uma História alternativa da Colômbia, do ponto de vista dos intelectuais e dos homens de letras, figuras-chave da obra.

De leitura veloz, apesar das mais de quinhentas páginas, esta autobiografia-romance prende o leitor também pelo seu estilo jornalístico e cronístico, em que o humor é uma presença constante, sobretudo porque o narrador se ri de si próprio com muita frequência, caricaturando facetas da sua personalidade e comportamentos. Além disso, em *Viver para contá-la*, GGM abre o baú das confidências e, tomando o leitor por um cúmplice, partilha com ele os segredos, aventuras e desventuras, vitórias e fracassos de uma vida plena e que merece ser, a todos os títulos, contada e lida.